



Comunhão na diversidade: nova criação do Espírito

Leocadia Mezzomo, mscs

Comunhão na diversidade: nova criação do Espírito

Ir. Leocádia Mezzomo, mscs

O mundo é uma grande aldeia, afirmam alguns. Mas é também plural, multiforme, esfacelado de mil modos, marcado por profundos abismos sócio-econômicos que dividem, excluem, segregam e marginalizam milhões de seres humanos. Nele nos deparamos com as mais diversas formas de violência novas e antigas, que não se explicam somente por tais assimetrias, mas são estas o terreno onde medram e proliferam muitas delas.

A Igreja presente neste mundo, nas últimas décadas, está assumindo sempre mais a ideia de ser *um povo peregrino* em busca de comunhão. Ela é, na realidade, mistério de comunhão com Deus Trindade, apelo à comunhão entre humanos. A nossa fé nos diz que o Deus dos cristãos é um Deus relacional: «Na Tri-idade divina, as Pessoas vivem uma original e maravilhosa unidade na diversidade das Pessoas [...] . O Deus dos cristãos é uma comunidade viva de três pessoas que vivem em relação entre elas, sem anarquia e sem pluralismos separatistas; é unidade na diversidade e comunhão nas diferenças. O Deus Trindade é um Deus de autêntica unipluralidade»¹; por isto, ao falar de *koinonia*/comunhão, isto é, de unidade entre irmãs e irmãos, nos reportamos à comunhão trinitária, protótipo de toda comunhão. E para dar mais visibilidade a este mistério, as nossas comunidades são chamadas a ser «reflexos do amor trinitário»², comunhão na diversidade.

Perguntemo-nos: qual é o elemento essencial para termos uma comunidade de comunhão? A resposta é óbvia - o amor. E o amor por excelência que procede do Pai e do Filho é o Espírito Santo. Ele é o agente especial que tece as relações de comunhão. Ele, *amor-caritas*, continua ativo na Igreja, na sociedade, em nossos Institutos. Sua ação se revelou especialmente no Pentecostes (cfr. At 2,1-13) e sua presença atuante manifestou-se de forma prodigiosa na comunidade da Igreja nascente. Nela encontramos, ainda hoje, os elementos decisivos para a paciente edificação da comunhão (cfr. At 2,42-47). É desta comunhão que a Igreja e a sociedade necessitam para unir os dispersos, para fomentar a comunhão entre diversos e erradicar de nossos ambientes a raiz do individualismo, inimigo primeiro da comunhão.

Os textos bíblicos do Novo Testamento usam, de modo especial, o termo *koinonia*. É em Paulo, predominantemente, que encontramos este conceito. O apóstolo dos gentios não fala de comunhão como algo imanente à natureza, mas realidade decorrente da relação de fé com Cristo. Esta se expressa na participação à vida do Filho (cfr. 1Cor 1,9), do Espírito Santo (cfr. 2Cor 12,13), do Evangelho (cfr. Fl 1,5). Comunhão, diz ainda, é participação aos sofrimentos de Cristo (cfr. Fl 3,10-11), o que garante, obviamente, participação em sua glória (cfr. Rm 8,17; 1Ts 4,17). Portanto, a *koinonia*/comunhão se realiza graças a intervenção amorosa de Deus, por meio da transformação operada pelo Espírito Santo, mas sempre com a livre colaboração da pessoa. Assim será até o fim da peregrinação³.

O Espírito nos faz filhos/as

O Espírito Santo habita na Igreja e no coração de todos os fiéis, como num templo, e neles ora e dá testemunho de sua adoção a filhos (cfr. Ef 1,5; Rm 8,15). É ele que leva os filhos do mesmo Pai à união, à comunhão sempre mais perfeita e ampla, dando a cada pessoa a capacidade de ser

¹ K. KOCH, «Comunione come centro vitale del Dio Trinitario», in *Sulle Strade dell'Esodo* (2000/4), 24-25.

² IRMÃS MISSIONÁRIAS DE S. CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS, *Normas Constitucionais*, n. 32.

³ Cfr. *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*, a cura di L. COENEN, EDB, Bologna 1980, 337-338.

elo de comunhão com os demais filhos e filhas do Pai. Ele é a «força divina, o motor espiritual, a energia divina que torna dinâmica toda a vida. E Deus infunde o Espírito em toda a criação»⁴. Em seu tempo, Scalabrini assim explicitava e vivia esta verdade:

O Espírito Santo é o móvel secreto da humanidade SS. de Jesus Cristo. Ele é conduzido pelo Espírito. O Espírito Santo infundia na alma de Jesus Cristo arrebatamentos, alegria pura, inefável e divina da qual fala o Evangelho: é necessário que o Espírito Santo habite em mim, me governe, me conduza. Sem a sua luz, nada sou... Ele deve ser a secreta força de minha ação!⁵

Assim queremos que aconteça conosco, pois somos pelo Batismo, templo do Espírito Santo. Podemos averiguar a eficácia desta presença através dos frutos, como afirma Jesus: «pelos seus frutos os conhecereis» (Mt 7,20). Os frutos do Espírito são «amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão, domínio próprio» (Gl 5,22-23). O amor, primeiro fruto do Espírito, é elemento essencial e excelente para a construção da comunhão, dom que «foi derramado abundantemente em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado» (Rm 5,5). Portanto, possuidores deste dom e desejosos de colaborar com esta *energia divina*, podemos viver mais intensamente a comunhão, iniciando em nossa própria casa, na comunidade, tendo em alvo o alargamento de nossa meta, até alcançar todas as nações, como mandou Jesus, o Cristo (cfr. Mc 16,15; Mt 28,19).

Toda a Igreja espera muito do testemunho de comunidades ricas «de alegria e do Espírito Santo» (At 13,52) e deseja oferecer ao mundo o exemplo de comunidades onde a recíproca relação de caridade ajuda a superar a solidão, intensifica a comunicação, impele todos a sentirem-se corresponsáveis pelo todo. Ali o perdão cicatriza as feridas, reforçando em cada pessoa a prática do amor/comunhão.

Em meio a um mundo dividido e injusto, a comunidade é apresentada como um sinal visível de fraternidade e reconciliação, de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de colocar em harmonia as diversidades. A Igreja tem urgente necessidade de comunidades fraternas, cuja existência já é anúncio do Reino; desta forma, contribuem para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do mandamento novo⁶, vivido entre pessoas de diferentes etnias, culturas, nacionalidades, mas unidas pelos laços daquele que «chamou a si os que ele quis para que ficassem com Ele e para enviá-los a pregar» (Mc 3,14).

O papa João Paulo II afirmou que o grande desafio deste novo milênio é fazer da Igreja «a casa e a escola da comunhão»⁷. Às pessoas consagradas pede-se para serem *peritas em comunhão*, como testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem, segundo Deus. Da vida fraterna em comunidade deriva a necessidade de viver uma espiritualidade de comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além de seus confins. Deste modo, a vida de comunhão torna-se um sinal para o mundo e uma força de atração que leva à fé em Cristo. As pessoas consagradas são chamadas a ser fermento de comunhão missionária na Igreja universal. Assim, a comunhão se transforma em missão⁸. A fecundidade da ação apostólica da vida consagrada depende da qualidade da vida fraterna⁹. Viver bem a vida fraterna em comunidade tem um alto preço, exige comunidades novas, isto é, pessoas convictas de serem amadas por Deus (cfr. Gl 2,20b) e, ungidas por tal potência de amor, aptas a amar as irmãs e irmãos de caminhada.

⁴ R. WITHERUP, *Sette giorni in cammino con San Paolo*, Editrice Vaticana, Roma 2007, 71.

⁵ Cfr. J.B. SCALABRINI, *Propósitos*, 24 agosto 1894, in *Scalabrini uma voz atual*, Roma 1989, 48.

⁶ Cfr. F. MARTÍNEZ DíEZ, *La frontera actual de la vida religiosa*, Paulinas, Madrid 2000, 231; JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Vita Consecrata* (VC), n. 45.51.

⁷ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI), n. 43.

⁸ Cfr. VC, n. 46-47.51; NMI, n. 43.

⁹ Cfr. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Vida Fraterna em Comunidade*, n. 54.

Para S. Paulo, a vivência da comunhão se torna visível na caridade e ele explicita os modos práticos de concretizá-la, mesmo que, às vezes, pareça um ideal demasiado grande para ser vivido por nós (cfr. 1Cor 13,1-13). Mas, o Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza (cfr. Rm 8,26).

A caridade gera sempre mais comunhão

Convocados pelo Senhor de diferentes lugares, de várias idades, de formação heterogênea, ninguém terá a ilusão de construir comunidades de comunhão baseadas em elementos puramente humanos. Mas como poderemos ser «reflexos do amor trinitário» sem pagar o preço das exigências do amor factível? Um preço de ascese e sacrifício são inerentes à caminhada de discípulos¹⁰. Mas de que amor estamos falando? Do amor verdadeiro, que é essencialmente dom de si, vontade que se empenha para a concretização do autêntico bem do outro (cfr. Jo 10,18;15,13). O egoísmo individualista é o inimigo número um da caridade na convivência entre diversos. Não há comunhão na diversidade que se edifique e persevere sem uma relação de cada pessoa com o Senhor Jesus. Assim foi com o grupo dos Doze: um de cada tipo, de diferentes profissões, mentalidades, mas eram os seus (cfr. Jo 13,1) e, quando unidos a Ele, desapareciam as rivalidades, pacificavam-se os ânimos. Quando o grupo dos seus ou o «pequeno rebanho» (Lc 12,32) - como Jesus mesmo os designava - discutiam entre si disputando o primeiro lugar, bastava que se reunissem novamente ao redor d'Ele e recompunha-se a comunhão (cfr. Mc 9,33-35)! Prossigamos confiantes, pois Jesus mesmo orou: «Que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste» (Jo 17,21).

Falando das exigências do amor a serva de Deus Madre Assunta Marchetti recomenda: «Sem sacrifício não se pode fazer o bem ao próximo, e menos se pode fazer se não temos a caridade entre nós, mas esperamos que esta não venha nunca a faltar. Com união e caridade tudo se suporta, todas as cruzes pesam menos»¹¹. Ela foi um testemunho eloquente disto. Doou-se heroicamente, fazendo, dia após dia, a oferta de si, criando comunhão, não sem dificuldades, mas sempre com amor e sem murmurações. Desejava que as irmãs da Congregação estivessem unidas como os elos de uma corrente. Sua vida justa, honesta, simples, humilde e autêntica com as irmãs e com todos, foi uma demonstração de comunhão. Amou intensamente com um amor oblato e universal. «Aproveitava de todas as ocasiões para dar sua colaboração fraterna nos serviços domésticos: cozinha, dispensa, rouparia, enfermaria» e acrescentava: «Basta fazer o bem que temos nas mãos e Deus saberá fazê-lo frutificar. Recomendo o amor fraterno»¹².

O servo de Deus, Pe. José Marchetti demonstrava sua comunhão com todos através de uma profunda caridade. Esta foi a chama que iluminou e impregnou todo o seu apostolado. Onde quer que estivessem os imigrantes, os pobres, os enfermos, lá estava ele para levar-lhes o conforto da fé, o vigor da esperança, o entusiasmo para a vida. Era para eles o pai, o amigo, o conselheiro, o enfermeiro. Em todos os momentos de sua vida empenhou-se em viver a comunhão com os seus superiores, com seus coirmãos de Congregação, com os migrantes e com outras pessoas com as quais tinha relações, como bem o comprovam suas cartas¹³. Ele desejava formar uma

¹⁰ Sugere-se a leitura: A. CENCINI, *A arte de ser discípulo. Ascese e disciplina: itinerário de beleza*, Paulinas, S. Paulo 2011.

¹¹ L. BONDI, *Virtudes da Serva de Deus Madre Assunta Marchetti*, Loyola, S. Paulo 2004, 98.

¹² *Ibidem*, 95.

¹³ Cfr. L. BONDI, *Padre José Marchetti: Alguns escritos inéditos para evocar e aprofundar a figura de Padre José Marchetti*, Loyola, São Paulo 1995.

comunidade com seus coirmãos, um corpo compacto e organizado, de grande força moral e física. Era convicto que «o bem da Congregação exige que estejamos unidos e não dispersos»¹⁴.

Também o bem-aventurado João Batista Scalabrini insistia muito na unidade, pois sabia ser ela a condição para a fecundidade apostólica e por isso recomendava comunhão com Deus e verdadeira comunhão com os irmãos. Dizia, entre outras coisas, que se queremos viver do Espírito Santo, precisamos conservar a caridade, amar a verdade, desejar a unidade, e assim alcançar o reino eterno. Admoestava ainda, que é ilusório imaginar a unidade no Espírito sem a unidade do corpo e insistia para permanecer unidos ao Senhor, a fim de produzir frutos duradouros¹⁵. Aos seus missionários recomendava a unidade na caridade dizendo:

Nenhuma categoria de homens, porquanto rica de forças individuais, se não se sujeita à grande lei da unidade, jamais fará coisas grandes e muito menos o farão os missionários. Por isso, vos conjuro, suplico-vos por amor a Jesus Cristo e pelo bem de nossos irmãos, de não desagregardes vossas forças, empregando-as cada um por própria conta. Sede vós unidos como uma única coisa. Unidos em pensamentos, afetos e aspirações, como sois unidos a um único fim.¹⁶

Para Scalabrini, um modo muito especial de vivenciar a caridade é ser uma espécie de *nobre cimento* na comunidade cristã, sem o qual a comunhão não é autenticamente teologal. Hoje, mais do que nos tempos de Scalabrini, a diversidade, a xenofobia, a exaltação do individualismo parecem imperar sempre mais nos areópagos em que vivemos e/ou frequentamos. As diferenças, mais ou menos gritantes, são uma realidade que nos desafia, mas que ao mesmo tempo nos convidam à reflexão, à acolhida, a somar as riquezas da diversidade às nossas, sem complexos de superioridade ou inferioridade. Neste sentido, deixemo-nos, ainda, ensinar por uma das belas páginas do *Pai dos migrantes*:

A variedade não prejudica a admirável unidade. Olhai este santo edifício e vede como a variedade não prejudica em nada a admirável unidade. Cada pedra tem a sua forma, a sua posição, o seu destino particular. Umas são colocadas na base, outras no cume. As mais ricas e belas adornam o santuário e o altar. As mais comuns, mas não menos úteis, colocadas em toda parte, formam o corpo principal do edifício. Umas sepultadas no solo e ignoradas, sustentam o peso de todo o edifício. Outras expostas aos olhos dos homens, muitas vezes não são senão acessórios, se forem tiradas, o templo não será menos belo, nem menos sólido [...]. Mas como estas pedras não formariam um sólido edifício se não aderissem umas às outras, em uma certa ordem, se não estivessem unidas em paz e quase em amor recíproco, assim os cristãos não formam verdadeiramente a casa de Deus, senão quando estão estreitamente unidos com vínculos de caridade: não formam a casa do Senhor senão quando unidos pela caridade¹⁷.

A caridade, na verdade, é fruto primordial da ação do Espírito de Deus. Ela é o *nobre cimento* para a edificação da comunhão entre nós, pedras preciosas, sim, mas de diversos tamanhos e de diferentes quilates; mas todas eleitas pelo Senhor, necessárias para o serviço e interação com os migrantes mais vulneráveis a quem somos enviados a servir. É a caridade, o amor-*ágape*, que dá firmeza e elasticidade ao coração humano em seu ser-agir. É a força do amor «derramado em nossos corações pelo Espírito Santo» (Rm 5,5) que enche de força nossa vontade e que nos move à ternura e compaixão frente às fragilidades das pessoas de diferentes culturas, etnias, religiões.

Ser membro da família scalabriniana é também forjar-se cada dia de novo, como cidadão/ã universal, ou seja, pessoa aberta à alteridade, ao diferente, ao migrante, pois todos somos portadores de centelhas de infinito, filhos/as daquele Deus que ama a todos e sempre por primeiro (cfr. 1Jo 4,10.19). O carisma scalabriniano nos conclama à universalidade e cada dia nos desafia a viver a comunhão *ad intra* e *ad extra*, em nossas comunidade e fora delas. E para cultivar relações de comunhão com todas as pessoas que Deus coloca em nosso caminho é

¹⁴ *Ibidem*, 46.53-54.

¹⁵ Cfr. M. FRANCESCONI, *Espiritualidade da Encarnação*, Congregações Scalabrinianas, Roma 1989, 89-93.102-103.110.

¹⁶ *Ibidem*, 111.

¹⁷ *Ibidem*, 111-112.

essencial a caridade. Scalabrini a descreve de forma poética e com muito realismo:

A caridade, esta cidadã descida do céu, entre nós, para aproximar os corações, mitigar as fadigas, reerguer os ânimos abatidos, tornar felizes, com as alegrias mais puras, as famílias desventuradas, o mais belo dom que Deus podia fazer à criatura. A caridade torna o jugo suave, e leve o peso da lei e da vida; esparge alguma flor no difícil caminho do exílio; é o bálsamo para tantas chagas, o refrigério para tantos corações. A caridade, unida ao maior e primeiro preceito do amor de Deus, encaminha-nos, pobres peregrinos, à conquista daquela pátria, à entrada do paraíso, onde a fé e a esperança nos deixarão, e só ela, a caridade, entrará, para ali reinar. A caridade, a grande lei do cristianismo, deve resplandecer sobre nossa frente e ser árbitro e senhora do nosso coração. Exige de nós qualquer sacrifício que não podemos negar aos nossos irmãos, sem nos tornar culpáveis de uma dureza imperdoável, sem desmentir com os fatos o título de cristão, do qual merecidamente nos gloriamos¹⁸.

Na medida em que bebermos na fonte do amor que é Deus (cfr. 1Jo 4,8), mais facilmente transparecerá a característica divina, aquela *imagem e semelhança* com a qual fomos plasmados (cfr. Gn 1,26). Assim a caridade irá transparecendo nos atos, palavras e pensamentos que tecem o apostolado próprio de missionários e missionárias scalabrinianos, e deste modo, podemos colaborar para que os migrantes encontrem mais facilmente uma das *doze portas* que dá acesso à nova Jerusalém, casa de todos os filhos e filhas de Deus dispersos por causa da migração (cfr. Ap 21,21.25).

Ser pessoas de comunhão

Creio que não somos chamados/as a testemunhar que é fácil viver boas relações, relações de comunhão com as inúmeras diversidades que nos circundam, mas sim a testemunhar que é possível e enriquecedor, porque é a força da presença de Deus que sustenta nossos frágeis esforços. Vivamos confiantes na eficácia da oração de Jesus (cfr. Jo 17,1-26), oração que brotou do coração daquele que bem conhece o coração de cada homem e de cada mulher! Mas façamos nossa parte, pois ele disse: «esforçai-vos para entrar pela porta estreita» (Lc 13,24).

Podemos ainda dizer que para sermos pessoas de comunhão é necessário esvaziar-nos de nós mesmos, arrancar do coração, da alma, da mente, todo o afã carreirista, o hedonismo propagandeado pela mídia, a atração pelo mais fácil, que mina por dentro a vontade e, não raro, a moralidade. Assim, às vezes, permitimos que vença o mal, produzindo frutos segundo a carne (cfr. Gl 5,19-20), por outro lado, aquele suplemento divino que nos faz dizer «Abba!», habilita-nos sempre de novo a fazer suas obras, a produzir os frutos do Espírito (cfr. Gl 5,22-23). Batizados, ser em Cristo (cfr. Rm 11,16-18), é um novo modo de conceber a vida, uma prerrogativa para viver a modo da Trindade: identidade, alteridade, comunhão, e assim ir tecendo nossa fisionomia e potencializando a missão, que é sempre dom e compromisso comum.

É desafiador permitir que Deus tome conta da nossa vida, das atitudes e atos, tornando-nos, assim, uma espécie de sacramental capaz de tramitar, sempre mais, o amor de Cristo, aquele amor «derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado» (Rm 5,5)! E quando não nos parece possível ser agentes de comunhão, entremos no silêncio, dobremos os joelhos, suplicando a força do alto, daquele que vem em auxílio de nossa fraqueza (cfr. Rm 8,26). Então, numa espécie de osmose espiritual com o Espírito de Cristo, veremos que se torna possível a comunhão, onde humanamente falando, parecia impossível. Não uniformidade, mas uma comunhão na diversidade sadia, rica, humana e humanizadora.

A comunidade concreta – com nome e sobrenome de cada pessoa – lá onde vivemos, é para nós, irmãs e irmãos scalabrinianos, o lugar onde se concretiza a santidade, o espaço teológico no qual,

¹⁸ Cfr. J.B. SCALABRINI, *Palavras pronunciadas por ocasião do desastre na ilha de Isquia*, 4 de agosto 1883, in *Scalabrini uma voz atual*, Roma 1989, 126.

com a força do amor, vivemos a conversão e sempre de novo reavivamos o dom de Deus que está em cada um de nós (cfr. 2Tm 1,6), e nos empenhamos a construir comunhão. Zelosos para aperfeiçoarmos as relações de comunhão com a alteridade, vamos assumindo a formação permanente em seus vários níveis, habilitando-nos mais e mais a viver segundo o Espírito de Jesus, que a *Traditio Scalabriniana* assim expressa:

Enviados para anunciar o amor universal do Pai e para servir, a nossa peregrinação terrena comporta uma constante emigração, saindo de nós mesmos em direção ao outro, para partilhar com ele o pão da nossa vida de batizados e de consagrados, para lavar com humildade os pés do viandante, para perfumar o hóspede inesperado com o nardo precioso, para parar e olhar com olhos de amor os peregrinos feridos ou ofendidos na própria dignidade, tratando-os com ternura e com a determinação de Jesus, o bom samaritano¹⁹.

Esta atitude é fundamental para quem se sente chamado a viver, na Igreja e na sociedade, o carisma scalabriniano que pode se concretizar também nos seguintes aspectos²⁰:

- *Apreço pela diversidade nas relações interpessoais*, uma estrada concreta da santidade para os chamados a viver o carisma scalabriniano. Nela somos chamados a dar frutos para a glória do Pai (cfr. Jo 15,8).
- *Catolicidade*, uma abertura que se expressa antes de tudo como comunhão com as diversas igrejas locais, ou seja, mentalidade ecumênica, vivência daquela vocação de ‘hospedar’ em si mesmo os valores da interculturalidade universal.
- *Percepção do migrante como dom*, o qual nos conclama a ultrapassar os limites estreitos do nosso próprio mundo. Há necessidade de educar-nos para a aceitação do outro como dom. Atenção e acolhida da *epifania* do outro, certos que a comunhão exige de cada um superação de si e ascese, mas dá sentido ao viver.
- *Alteridade e proximidade*, isto comporta de nós, que implicitamente ou explicitamente escolhemos de ser próximos, de «deixar-se ferir pelo outro», como disse Levinàs. Portanto, conscientes que isto exige constante ascese, um perene peregrinar, um emigrar de nós mesmos em direção aos outros e ao Outro, continuemos o processo de conversão. Não é simples tolerância dos que vivem conosco, mas encarnação no mistério da Trindade que é fonte inexaurível de amor recíproco na alteridade das pessoas.

A nossa vocação nos chama a *ser pequena igreja em terra estrangeira*, memorial, para os que sabem ler, de que «não temos aqui cidade permanente» (Hb 13,14), mas que todos peregrinamos para a casa do Pai (cfr. Jo 14,2). Somos chamados a nos tornar pessoas capazes de dizer não ao etnocentrismo, ao predomínio das culturas majoritárias, e sem hipocrisias. Os laços de nacionalidade, de raça, de língua são infinitamente mais superficiais que a pertença filial ao mesmo Deus, ao qual cantamos, repetidamente: «Estão em ti todas as nossas fontes» (Sl 87,7).

Tudo isso é possível *amando a cada dia*, reiniciando em cada encontro ou desencontro a ascese/exercício do amor: «Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13). Na esperança de que, cada um e cada uma, possa dizer como o jesuíta M. De Certeau:

Que eu não me separe nunca de ti. Sim, nos espera um longo e difícil caminho: neste novo tempo devemos de fato, tornarmo-nos peritos de complexidade, especialistas de diversidade, capazes de encontrar e de comunicar com homens e mulheres provenientes de outras experiências e que percorrem caminhos que não são os nossos. Devemos exercitar-nos na escuta, na acolhida do outro, portanto, aprender a aceitar o mistério e o enigma de quem não conhecemos, de quem se nos apresenta como estranho, diferente e não só como estrangeiro... Os outros não são o inferno; são a nossa bem-aventurança nesta terra.²¹

Os outros, as outras são para nós manifestações da infinita riqueza que brota da unicidade da

¹⁹ Texto base da *Traditio Scalabriniana*, n. 5.

²⁰ Cfr. Texto base da *Traditio Scalabriniana*, n. 5.

²¹ M. DE CERTEAU, «*Mai senza l'altro*», Qiqajon, Magnano 1993, 9.

Trindade. Portanto, são para nós, bem-aventurança! Não basta saber disto, é preciso tempo, cultivo, encontro pessoal e comunitário com Aquele que «faz novas todas as coisas» (Ap 21,5), aquele que pode fazer novo nosso modo de viver, de servir.

Continuemos a peregrinação, sempre esperançosos, pois contamos com a potência da graça d'Aquele que completará a obra que iniciou em nós (cfr. Sl 138,8).

«A nossa impotência e a nossa incapacidade face aos projetos para eliminar as diferenças e a homologação nos conduzem à invocação do Espírito criador de Pentecostes. A tentação é sempre aquela de parar, enquanto o Espírito nos impele a passar continuamente da comunhão à diversidade e da diversidade à comunhão».

(Texto base da *Traditio Scalabriniana*, 4)